

REVISTA SENAC - ENTREVISTA COM ESPEDITO SELEIRO

Valeska Zuim¹

Com trabalhos que aliam tradição e modernidade, inovação e manutenção dos traços culturais, Espedito Veloso de Carvalho, mais conhecido como Espedito Seleiro, é um artesão, cujo trabalho transcende a técnica e é referencia para designers do Brasil e do exterior.

Em entrevista concedida em seu atelier em Nova Olinda – Ce., no dia 07 de janeiro de 2013, Espedito Seleiro fala de seu trabalho, seu processo criativo e sobre como interpreta sua participação no mercado da moda.



Ilustração: Espedito Seleiro em tinta acrílica sobre papel canson A3.

Autora: Valeska Zuim

¹ Pós-Graduanda em Têxtil e Moda pela (USP), especialização em Arte e Educação pelo (CEFET), Bacharel em Estilismo e Moda (UFC). Tem experiência na área de Design de Moda, atuando principalmente em temas como: Desenhos (Moda, Técnico e Informatizado), Desenvolvimento de Produto e Design Têxtil. E-mail: valeskazuim.usp@gmail.com

Onde o senhor nasceu?

Nasci em Campos Sales, a 95 km daqui, em uma fazenda. Mais só fiz nascer e saí de lá e fui para Nova Russa. Com oito anos vim pra cá, até hoje. Recebi o título de cidadão Novo-olindense.

Quantos anos o senhor tinha quando começou a trabalhar com couro?

Eu tinha oito anos quando comecei a ajudar meu pai. Ele já aprendeu com o pai dele, eu aprendi com meu pai e meu filho aprendeu comigo. Em 1971, meu pai faleceu com 56 anos. Como filho mais velho, ensinei aos meus irmãos. No começo, eles ficavam comigo na oficina. Quando eles aprenderam e começaram a namorar e casar, eu fazia o modelo que queria, o molde, e dizia pra eles levar o material e ir fazer em casa, porque agora tem quem lhe ajude, sua mulher. E assim, eles iam trabalhar e sustentar a família. E assim, eles iam fazendo e trazendo a produção. Foi uma época que eu não tinha o conhecimento que tenho hoje, nem a lojinha. Vendia as coisas na oficina ou na feira. Vendia tudinho, quando chegava distribuía o dinheiro com quem fez. Hoje eles estão casados, barbados, pai de filho. Outro tem neto também, mas ainda hoje trabalham comigo. Aí, eu fundei uma associação: "Oficina Escola Espedito Seleiro". Por que oficina escola? Porque eu tô passando o que eu sei.

Quem participa dessa oficina Escola?

Eu comecei com meus sobrinhos, netos, a família. Mas hoje também têm os vizinhos, os pais vem pedir para que eu ensine alguma coisa para eles [crianças da vizinhança]. E têm os que já estão trabalhando para mim. Eu forneço o material,

forneço tudo e digo: vão trabalhar em casa. Eles trazem a produção e eu dou o dinheiro a eles. Assim, daqui um tempo, se eles quiser, eles montam a oficina deles. Hoje se quiserem fazer por conta deles, podem fazer também.

Quantos filhos o senhor tem? Eles o ajudam com os trabalhos na oficina?

Eu tenho seis: três homens e três mulheres. Sim, só tem uma que está agora morando em São Paulo que não está fazendo.

É verdade que seu pai fez sandália para Lampião?

Sim. Ele fazia para Lampião e vários cangaceiros, tropeiros, vaqueiros. Aqui era lugar de passagem. Ele fazia muito chapéu, bainha para faca, capanga, sela. A do Lampião foi assim: chegou um *cabra* todo arrupiado com uma arma de lado e disse pra *meu pai*: “O senhor faz uma sela boa, bonita?” e meu pai: “Dá para quebrar o galho, *cabra*”. E ele: “E se eu mandar o senhor fazer uma alpargata pra mim, o senhor faz?”, *meu pai*: “Não gosto não de fazer calçado não, mais é só uma, eu posso fazer...”, e o homem: “Pois eu vou trazer o modelo para fazer”. Aí voltou depois de uma hora e meia, botou a mão na capanga dele e tirou um pedaço de papel, só riscado e perguntou: “Dá para o senhor entender o que está aqui?” e meu pai: “Vou arriscar fazer...”, o *cabra* respondeu: “Pois então você faz e daqui a 28 dias eu venho buscar, pagar e levar”. No dia certo ele chegou lá e disse: “Seu Raimundo eu vim ver a encomenda”, e meu pai: “Tá aqui.”, o cangaceiro pegou o calçado e perguntou: “O senhor sabe pra quem é essa alpargata?”, e meu pai respondeu: “Sei é pra você! Não foi você que mandou

fazer?”, e o homem: “Pois né não! É para o coronel Virgulino!”. Meu pai ficou logo todo se tremendo e o cabra de lampião perguntou: “Quanto é?”, meu pai: “Não é nada não!”. Depois ele voltou e trouxe um punhal grande e entregou a ele de presente. Meu pai recebeu, passou o tempo, eles mandaram fazer umas carteiras, uns chapéus, mais foi pouco, não foi muito não.

E foi a partir disso que você e seu pai começaram a fazer as sandálias e outros acessórios de couro?

Depois que passou, passou o tempo e o seu Alemberg da Casa Grande, veio aqui e disse: “Rapaz queria que tu fizesse uma alpargata igual a do Lampião”. Aí, eu lá me lembrava quem foi Lampião... aí eu disse: “não eu não sei o que é isso não!”. “O cangaceiro rapaz, tú no sabe não?”, disse Alemberg, aí eu pensei: rapaz é das histórias que meu pai contava. Eu me lembrei que meu pai, quando ele faleceu, usava um caixãozinho pequenino, ele gostava de botar umas ferramentazinhas. Ele não tinha essa oficina que eu tenho aí não. Ele trabalhava sozinho! Aí fui atrás e encontrei dentro um papelzinho enrolado e dado um nó bem no meio. Quando desenrolei era o retrato do chinelo, só riscado mesmo! Aí, fiz o modelo bem direitinho, fiz o molde, caprichei, e ela ficou bonita que só o diabo. Aí pronto, de lá pra cá, fui só fazendo mais.

A primeira sandália que o senhor fez, foi essa?

Foi. Mas eu não fiz de solado quadrado, como o riscado não, porque é ruim de andar que só. Fiz normal mesmo, aí, depois eu fiz a quadrada, só para mostrar ao povo, aí resolveram comprar. Eu faço uma, boto ali e os cabra leva. Depois dessa,

tive a idéia de fazer a da Maria Bonita. Aí, peguei um papel, fiz um desenho e a chinela. Pronto, todo mundo quer!

Então foi o senhor mesmo que criou o molde para encaixar o pé?

Sim. Fui eu. Não devo nada a ninguém. Eu aprendi muita coisa com meu pai. Aprendi tratar o couro, fazer sela, fazer gibão. Mas hoje se o meu pai fosse vivo, e ele olhasse o trabalho que eu faço hoje, ele não ia acreditar que tinha sido eu que tinha feito.

E o seu pai, já desenhava no couro como o senhor?

Sim. Só que ele não fazia igual a mim. Eu me dediquei muito a isso. Quando eu fazia o mesmo trabalho que meu pai, com peças para cangaceiro, a gente vendia muito. Quando acabou os cangaceiros, chegou uma época que não estava mais vendendo. Eu ia vender nas lojas de Juazeiro e do Crato e diziam que já tinha aquilo ali e tinham comprado mais barato. Então, precisado de dinheiro, acabava vendendo mais barato. Chegou uma hora que me zanguei e disse a minha mulher que ia fazer alguma coisa para arrumar dinheiro. Ia fazer as peças de couro do meu jeito. Vou criar um estilo meu. Se der certo eu continuo, se não, parava e procurava outra coisa. Mas graças à Deus deu certo quando mudei o estilo e fiz a Sandália de Lampião. Era feita de couro cru, muito bem costurada. Fiz para Alemberg da Casa Grande e saiu no jornal, depois uma Maria Bonita para Violeta Arraes, que viajava muito e trazia encomenda. Teve uma reunião que Alemberg foi em Brasília, que ele botou os pés para cima da mesa e choveu pedidos e não parei mais.

De onde vem o couro seu Espedito? Que tipo de couro utiliza?

Eu compro em Petrolina (Pernambuco), Juazeiro do Padre Cicero e em Campina Grande (Paraíba). Couro de bode e de boi. O de avestruz, de vez em quando. É um couro mais difícil e caro demais. Quando a gente tem uma encomenda eu vou na cidade e compro um pedacinho. Mais é difícil de achar demais.

Qual o couro melhor de se trabalhar?

Não tem couro mais melhor de se trabalhar, que o couro de bode não. Dá tudo que você pensar na vida. Você sabendo dar um trato nele, o corte é bonito e fica com uma costura linda.

O couro de boi é mais caro que o de bode?

Não. O de bode é mais caro. A diferença do boi é que dá para a camurça, camurção, raspa, raspinha e película. Tudininho você faz com couro só de boi.

Com relação ao tingimento do couro, o senhor é que faz ou compra já tingido?

Às vezes eu faço às vezes eu compro tingido. Mando fazer no curtume. A maior parte eu faço.

Esse tingimento é natural?

Eu compro o couro cru e a cor eu pinto. Igual o menino está pintando ali. Quando eu quero uma cor diferente, que eu não sei o nome, eu mesmo faço. Só eu faço.

Com relação a mistura de cores, como o senhor faz? Segue alguma cartela ou livro?

Eu vou fazendo e vou pensando, testando. Eu olho, se não der certo uma com a outra, eu tiro e boto outra. Agora já tenho muita prática e já conheço as cores que dão certo.

Quando o senhor começou a trabalhar com seu pai, ele já fazia o tingimento no couro?

Quando comecei a trabalhar com meu pai era um sufoco medonho mudar a cor do couro. Para você deixar o couro preto, nós tinha que ir para beira de um açude, cercar a água. Depois colocava o couro embaixo da lama e cobria. Deixava lá 3 dias. Depois quando pegava ele estava preto, e também muito duro. Lavava bem lavadinho na água limpinha e levava para casa. Lá passava banha de peixe depois de frito e um ferro de engomar de madeira, deixava na corda secando por três dias. Depois que tirava, estava limpo e cheirando.

Seu Espedito, é o senhor quem desenha todos os motivos das sandálias ou tem alguém que o ajuda?

Eu desenho, mas meu filho também desenha na mão. Mas ele só trabalha em cima do desenho que eu faço. Mas se ele tiver que fazer, ele também faz. Mas o desenho dele é mais diferente que o meu.

E o corte no couro, o senhor utiliza alguma máquina ou corta manualmente?

Faço o corte tudo na mão, com uma ferramenta apropriada para fazer isso aí.

O senhor desenvolveu algum tipo de ferramenta para facilitar o trabalho?

Sim. Eu mesmo fiz algumas. Uma para cinto, outra faquinha feita com uma serra que quebro e passo no esmeril e na pedra de amolar. Para trabalhar com couro, só basta ter inteligência! Maquinário não faz muita diferença não. Se eu quisesse trabalhar com máquina, tinha montado uma fábrica.

O Senhor nunca pensou em modernizar sua produção ou comprar ferramentas novas?

Já me ofereceram dinheiro, máquina para uma fábrica em São Paulo, Rio de Janeiro. Mais eu não quero não. Não quero ser patrão e nem viver passando ordem. Quero é ficar com meus meninos. Nasci para ser liberto e nem quero obrigar ninguém. Quem quiser ficar aqui mais eu... eu considero tudo um filho. Quando tem uma festa aqui, eu freto um carro do tamanho de um ônibus e levo tudinho. Marco a hora de voltar e todos obedecem.

Observei uma máquina reta na sua oficina, o senhor comprou alguma nova ou continua com a mesma do começo?

Eu tenho uma máquina nova porque me deram. Quando eu comecei a trabalhar, não tinha máquina de jeito nenhum. Era tudo na mão mesmo. Era um sufoco medonho. Meu pai deixou uma quando morreu que ficou comigo e que era do meu avô, que herdou do pai dele. É aquela parada na frente da oficina. Se ela falasse, ia contar muita história. Mas pra mim, não influi em nada a máquina. Acho bom mesmo é fazer tudo na mão.

O senhor apresentou suas peças no SPFW em 2006 – 2007. Como aconteceu esse convite?

Em 2006 um pessoal de São Paulo veio fazer uma pesquisa no nordeste e chegaram aqui com um monte de coisa em cima do carro. Eles queriam comprar um gibão. Depois de alguma conversa, disseram: “nós queremos fazer um desfile em São Paulo com suas peças. Separaram mais ou menos oitenta peças e mostraram alguns desenhos para eu fazer. Eu disse que não sabia trabalhar com o desenho dos outros. Então, me deixaram livre para fazer. Perguntaram se eu queria ir assistir, mandaram as passagens e fiquei 4 dias em SP passeando lá com o carro que me deram. Depois disso, choveu encomenda. Depois fiz Cantão.

O senhor se inspira em quê para fazer suas peças?

Se eu for fazer uma saia para você, eu faço do estilo do cangaceiro. Tudo é inspirado no cangaceiro.

O senhor tem ideia de quantos modelos fez até hoje?

Tenho nada. Todo dia eu faço modelo. Mais até hoje, ainda sou doente para fazer sela.

E a venda da sela hoje como é?

Ruim. Tanto que eu tô pensando em fazer sela para moto. Porque todo mundo aqui em Nova Olinda tem uma moto. Ninguém quer mais andar de cavalo. Eu vou fazer uma sela para moto que vai ficar bonita e eu vou vender muito.

E com relação às cópias seu Espedito?

Tem um em Juazeiro, outro em Crato e um em Serra Talhada, que sei que imita minhas coisas. Por isso, que pus essa marquinha. Marco tudinho! Os enfeitinhos que eles colocam é de plástico. Para fazer igual a mim, tem que ser seleiro, pois tem que chanfrar o couro, deixar bem fininho. Só é legal a cópia, que a gente fica mais conhecido.

Além de vender aqui, o senhor manda para onde suas mercadorias?

Em Fortaleza tem três lojas, uma em Recife, uma em Salvador e no Rio. Ao todo, são sete lojas, mas meu produto é artesanal e não tenho como atender todo mundo. Não vou deixar de colocar aqui. Porque o que gosto é que o pessoal venha de fora pra cá, Nova Olinda. Pra nós conversar, ajudar os outros da cidade, almoçando, bebendo cachaça, movimentando a economia da cidade.

No filme do Gonzaga, vi um gibão muito parecido com o seu. O senhor chegou a fazer algum para Luiz Gonzaga?

Sim. Parece que foi em 1984 ou 85. Eu conheci Luiz Gonzaga quando ele veio inaugurar um clube bem aqui. Minha oficina era lá embaixo, perto desse clube e ele foi lá olhar. Ai eu fiz pra logo uma bolsa pra ele. Depois ele mandou aqui uma pessoa vir aqui pra eu fazer um gibão pra ele, depois um chapéu. Aí, às vezes a gente se encontrava no Crato. Ele vinha de Exu e eu saía daqui e a gente se juntava lá e ficava bebendo cachaça. Depois eu ia pra feira do Crato.